

Representações do Mar nos primeiros versos de António Nobre

Cristiana Sofia Monteiro dos Santos Pires*

António Nobre assume, na história da literatura portuguesa, uma singularidade inquestionável. De personalidade excêntrica e talento invulgar, publica apenas uma obra em vida, o *Só*, e é o que lhe basta para inscrever o seu nome na lápide da imortalidade.

É numa espécie de heterónimo, o Anto, que o poeta alicerça uma auto-mitificação sob a égide da ideologia romântica do poeta maldito. Assim, desde os seus primeiros versos, ecoa um tom nostálgico que se prolonga até ao fim da sua curta vida.

A morte, aos trinta e três anos de idade, ceifa um mar de projectos e ilusões. Por isso, cabe ao irmão, Augusto Nobre, a missão de dar a conhecer os primeiros e últimos escritos do poeta, publicando duas obras póstumas: *Despedidas*, em 1902, e *Primeiros Versos*, em 1921.

Durante a sua adolescência nas praias de Leça e da Boa Nova, Nobre vai construindo um imaginário em torno do mar, onde ergue o seu condado feito de sonhos, e, do alto da sua torre de leite, contempla a imensidão das negras águas com olho perspicaz de quem vê mais além.

Na solidão de observador voraz, o poeta vai transfigurando o real ao sabor da sua perspectiva. Começa, então, a urdir um microcosmos original e pitoresco, captado do quotidiano das suas gentes, dos seus amores e das impressões que o rodeiam: os morenos pescadores, as varinas, as inglesinhas...

A brisa do mar oferece ao poeta o vislumbre da autenticidade do sentimento e da genuína emotividade, que lhe permitem encontrar o seu próprio trilha numa época em que coexistem movimentos literários diversos.

É igualmente ao som do «eterno runrum das ondas» que o coração do jovem Nobre se enamora. Ellen e Charlotte vão ofuscando as ofélicas visões do poeta, conferindo um tom mais fresco e colorido às suas palavras.

Em Coimbra, Nobre suspira pela paisagem etérea e doce da sua infância e, mais tarde, desde Paris, a sua Lusitânia adquire um outro encanto, erguendo-se das águas da quimera como uma ermida à beira mar.

No conjunto da sua obra, aprecia-se um processo metamórfico do Mar: por vezes, surge como o «Todo-Poderoso» («Os Marinheiros, 1886»), o herói da penedia, «jazigo de paquetes, de ossos», carrasco cruel a cujas águas ensanguentadas as mães de Portugal dirigem seus gritos; em outros momentos, aparece como o sábio conselheiro, confidente irrepreensível das mágoas do jovem coração.

* Doutoranda em Literaturas e Culturas Românicas. Investigadora do CITCEM.

Para além desta alomorfia, é interessante reflectir sobre a personificação do Mar, «Padre Oceano», destinatário de inúmeros versos em carta, por quem o poeta suspira à distância, no Penedo da Saudade e em Paris, longe do mar dos seus avós. Entidade de larga sapiência, o mar é também o «trémulo avozinho» («Pobre Tísica», 1889); o velhinho («O Mar», 1885); o «Mar-avô» («Inglesinhas», 1886), que olha, terno, os seus infantes.

Em suma, a nossa comunicação centrar-se-á nas representações do mar na poesia de António Nobre, dos primeiros versos ao *Só*, repousando a nossa atenção nos aspectos aqui expostos de forma sintética.